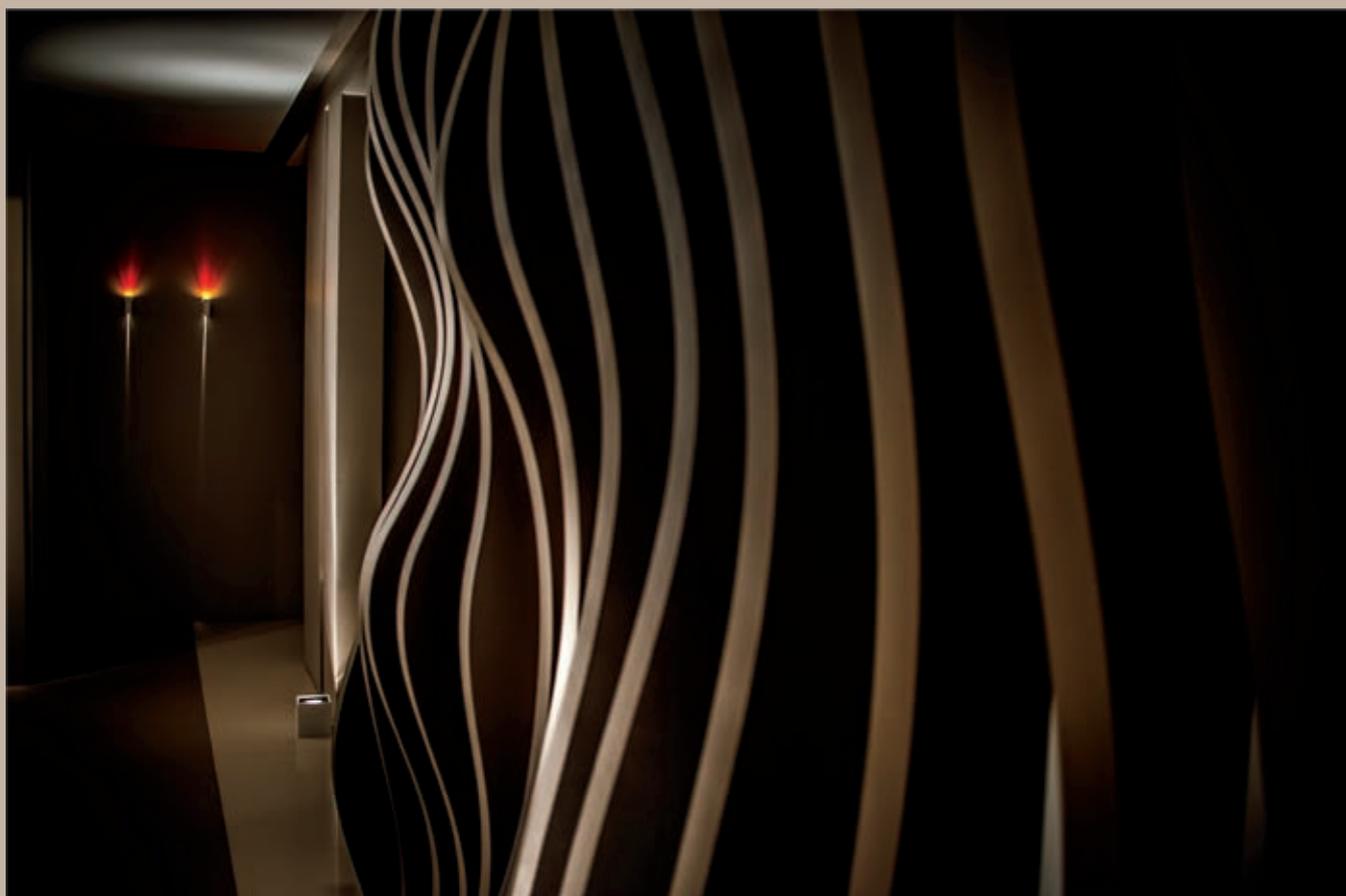


# Criatividade e emoção

Por Carina Tomazzoni

Projeto luminotécnico deve contemplar técnica e subjetividade



Diego Frigo

**A IDENTIDADE DOS LUGARES É DETERMINADA POR UMA OU MAIS** características que os diferem do restante, tornando-se mais ou menos significativo para cada indivíduo conforme relações e vivências pessoais. Segundo Millet (1996), “cada lugar tem sua iluminação. A luz expressando a identidade local engloba dois aspectos distintos: a luz em si, em suas características físicas, e as características que determinam como ela difere de qualquer outro lugar...”, ou seja, sendo empregado o mesmo sistema de iluminação em outro local, não se chegará ao mesmo resultado emocional.

É consenso comum que um projeto de arquitetura deva surgir baseado em um conceito, levando-se em consideração fatores

loais que poderão reforçar ou comprometer a legibilidade que aquele espaço é percebido. A iluminação tem a capacidade de evidenciar ou ocultar, de criar identidade e ambiência e, portanto, deve ser modelada juntamente com a arquitetura.

Apesar disso, observa-se profissionais e usuários desenvolverem conceitos do tipo certo e errado baseados exclusivamente em diretrizes técnicas. Isso é identificável quando se observam as conversas acerca de projetos de iluminação. É indiscutível a importância do conhecimento luminotécnico, mas o ideal seria que a iluminação fosse mais voltada a aspectos que qualificassem o projeto e não apenas em quantitativos gerados por normas e cálculos.

Vianna e Gonçalves (2001) afirmam: “Desde os modelos mais clássicos, a luz tem sido distribuída ao longo dos interiores, a fim de permitir visão clara e nítida das dimensões espaciais, fornecendo assim as informações básicas a respeito dos ambientes que nos rodeiam. Contudo, as pessoas precisam mais que razão e lógica para se sentirem inseridas no espaço e experimentarem sensações de bem estar. Na medida em que cerca de 70% da nossa percepção é feita por estímulos visuais, o papel da luz torna-se primordial nesse processo”.

Deduz-se que é necessário o uso de conceitos mais pessoais e aprofundados, de conhecimentos de percepções subjetivas aliados aos técnicos e de um olhar afinado com os espaços, pois o que determina o que é uma boa iluminação é como cada indivíduo estará estimulado a desenvolver tarefas ou usufruir do espaço.

Brandston (2010) afirma em seu livro que “... para desenvolver um projeto de iluminação, primeiro é necessário aprender a ver...”, ou seja, ter ciência das emoções provocadas pela luz. Precisamos ter um repertório de possibilidades de iluminação e suas consequências, considerando cultura, aspectos regionais e escala. Ainda segundo Brandston (2010), “... a maioria das pessoas apenas olha...”, neste caso não há compreensão ou interpretação do estímulo gerado pela visão.

### **O processo e a problemática de ensino do projeto de iluminação arquitetural**

Um dos principais empecilhos para bons projetos de iluminação é a crença na famosa “receitinha de bolo”, onde muitos acreditam que para cada espaço exista apenas uma fonte luminosa ou tipologia de luminária que seja a mais adequada. Criam-se então diretrizes limitadoras, sem mencionar que a mesma solução sempre seria utilizada para aquele tipo de espaço sem importar outros parâmetros, resultado em uma produção em série de projetos de iluminação.

Um bom exemplo é a iluminação de um restaurante. Se convencionássemos o uso de determinada fonte, o resultado seria desastroso, pois a luz mais intimista utilizada em um restaurante romântico não poderá ser utilizada em um restaurante popular. Ambos prestam serviços com o mesmo objetivo, mas sua ambiência, tipo de público,

característica da cozinha estabelecem até mesmo o período de tempo que cada cliente permanecerá no recinto, conseqüentemente o tipo de luz mais apropriada. Neste caso, o conceito de luz envolve não apenas as características técnicas das fontes luminosas, mas a ambiência, atmosfera, sistema empregado, distribuição luminosa entre outros, que irão caracterizar a tipologia de projeto.

Precisamos, então, aprimorar técnicas e construir repertórios, além disso, é necessária afinidade, criatividade, vocação e capacidade imagética. Como afirma Brandston (2010): “Uma boa iluminação é definida no início de cada projeto, junto com o cliente.”

Por ser passível de julgamentos subjetivos, as características e objetivos do projeto luminotécnico devem atender às expectativas do cliente, ou de seus usuários. Não apenas em projetos residenciais e comerciais, onde a tendência a ambiências mais poéticas são frequentes, mas também em espaços corporativos, institucionais e industriais, pois, afinal, o objetivo maior é proporcionar espaços adequados onde as pessoas se sintam confortáveis e estimuladas.

Por que então a expectativa observada em grande número de estudantes e profissionais em se determinar qual fonte luminosa é mais correta a ser utilizada para iluminar cada ambiente, como se existisse uma regra geral para isso? Também podemos observar o fato em tentativas de elaboração de manuais divulgados nos meios eletrônicos e periódicos.

E se fizermos um paralelo com uma questão semelhante ligada à arquitetura dos espaços, fazendo a seguinte pergunta: qual o tamanho e tipo de porta que devo usar para ligar uma cozinha a uma sala? Certamente teríamos inúmeras opções de tamanhos, materiais, cores e demais características, sem, contudo, termos uma resposta mais correta do que a outra. Na definição da iluminação dos espaços caberia a aplicação desse mesmo raciocínio.

A maioria dos estudos publicados em âmbito nacional acerca do tema iluminação, (Vianna, 2001) são em sua maioria voltados a aspectos técnicos, assim como a formação de grande parte dos profissionais. Ainda no cenário nacional, outra dificuldade é o fato de que o ensino e divulgação de como os profissionais concebem seus projetos



Diego Frigo

Lavatório projetado por Carina Tomazzoni na circulação dos ambientes íntimos onde a luz prioriza a ambiência. Cuidados técnicos, como a distribuição de luz controlando as sombras projetadas, também foram observados.

- **Sensação:** é uma reação imediata do nosso corpo quando um órgão sensorial recebe um estímulo externo;
- **Percepção:** é a interpretação de um ou mais estímulos externos pelo cérebro com base nas sensações.

Embora a recepção dos estímulos seja similar entre os indivíduos, a percepção dos mesmos pode divergir, pois está diretamente ligada a diferentes crenças e aprendizados acumulados ao longo da vida. Como sugere Brandston, precisamos ter um repertório rico e um olhar consciente e crítico para melhor interpretarmos estes estímulos, é o que ele chama de “Aprender a ver”, para podermos registrar e apreciar o que estamos olhando.

A luz pode ainda ter inúmeros significados, pode ser simbólica. Partindo destas afirmações, para cada obra temos inúmeras possibilidades de emocionar bastando ter consciência de sua aplicação e do significado que ela deve proporcionar.

de iluminação dispõe de material bibliográfico em número limitado relacionado com aspectos estratégicos, subjetivos e conceituais da luz.

Portanto, esta é uma área que merece um aprofundamento interdisciplinar, uma revisão das técnicas empregadas e um investimento na prática do ensino e estímulo ao mercado editorial para que se possa propiciar uma perspectiva menos limitada. Muitos estudos e pesquisas atuais realizados internacionalmente estão focados neste tema conforme descrito por Martau (2009), o que futuramente nos ajudará a traçar novas perspectivas e possibilidades para o tema.

### **Conceitos para um projeto de iluminação arquitetural com enfoque na criatividade**

Após a análise dos conceitos luminotécnicos básicos, devemos voltar a outros tão importantes quando os primeiros, de natureza subjetiva.

Buscamos a cada dia a satisfação de nossos padrões de bem estar e de realização, mas como identificá-los se cada indivíduo tem necessidades, ambições e percepções diferentes? Sendo estas respostas subjetivas, devemos introduzir no estudo da iluminação conceitos interdisciplinares que nos ajudarão a fazer esta interpretação:

### **A criatividade como qualificador dos espaços**

Brandston (2010) resume o ponto chave destes novos paradigmas: “A luz nos permite ver. O design da iluminação nos permite ver o que desejamos”. Mas, afinal, como saber o que desejamos ver? A maioria das pessoas não sente necessidade daquilo que não conhece ou nunca viu, e muitas vezes ao realizar escolhas é necessário o embasamento em referências visuais.

É, portanto, papel do profissional que irá projetar a iluminação identificar expectativas, modo de vida, fazer julgamento de valores subjetivos e demais características a fim de conceituar e poder propor alternativas que irão atender as necessidades do projeto. Um bom repertório, atualizações no que diz respeito a técnicas e sistemas de iluminação, sensibilidade diante a expressões de emoções e, principalmente, posicionamento voltado aos interesses do usuário, ajudarão este profissional a encontrar as respostas mais facilmente.

Brandston explica em seu livro que em seu processo de projeto convida o cliente a observar imagens



Vencedor do IALD 2012.

**LAGARES SHOWROOM**  
Girona, Espanha

Lighting design:  
Maurice Ginés, IALD  
Artec3 Studio

Arquitetura:  
RCR ARQUITECTES

Foto:  
Hisao Suzuki

e locais onde se possa ter uma visão das possibilidades de iluminação e só a partir daí inicia seus estudos mais concretos. Neste momento, consegue identificar algumas características que o ajudarão nas escolhas mais subjetivas que possivelmente seus clientes não saberiam traduzir conscientemente. Não se trata, portanto, de fazer uma cópia de alguma solução, mas identificar na ambiência o que trará mais estímulos ao usuário, ou a um grupo se for o caso.

Em projetos desenvolvidos para o uso de muitas pessoas, cada uma responderá aos estímulos de maneira particular. Serão importantes diretrizes, buscar soluções que sejam comuns a um grupo de pessoas e considerar informações de características regionais. O profissional deve sempre surpreender as pessoas, incorporando em seus projetos algo que não era esperado, que desperte a emoção. A luz da razão, ou seja, a luz que irá suprir os níveis mínimos de iluminação para satisfação da função de visão deve ser complementada com a luz da emoção, que incorpora todos os fatores subjetivos responsáveis pela sensação de bem-estar e prazer.

### **Novas estratégias para projetos de iluminação com ênfase na luz poética**

A partir do conhecimento de que a luz possibilita análises e percepções subjetivas e de que isto é característica qualificadora dos espaços, podemos sugerir que um projeto de iluminação deveria partir de condicionantes criativos ou, no mínimo, de visões criativas.

Criatividade não possui um conceito único; várias teorias divergem sobre seu real significado: se seria uma particularidade da inteligência, fruto de um acesso de loucura, conforme Platão, ou até mesmo originada de um conflito do inconsciente, conforme Freud. Neste contexto, criatividade diz respeito a novas visões e propostas despreziosas, livres de normas, apenas apoiadas em conceitos de significado e arquitetura, preferências pessoais e em requisitos mínimos de iluminação para a função a ser exercida no local.

Assumir o desafio de propor algo novo e criativo, sabendo dos riscos e consciente do trabalho exaustivo, até poderia em um primeiro momento assustar alguns profissionais, mas se pensarmos mais a fundo veremos que a luz em sua essência é algo totalmente imprevisível. É capaz de nos revelar resultados completamente inesperados. Percebemos, então, que o design da iluminação está intimamente ligado às incertezas. Podemos fazer cálculos e simulações com modelagens tridimensionais, mas nunca teremos a certeza de um resultado antes de sua instalação estar finalizada. Natural então aceitarmos os riscos.

Sobre criatividade, Bransdton (2010, p. 44) diz: "O que torna grandes projetos de design candidatos à imortalidade é que seus criadores assumiram suas tarefas com curiosidade e mente aberta. Eles associaram uma completa falta de pretensão a um simpático e saudável ceticismo, uma responsabilidade que não pode ser considerada um fardo, mas uma aventura, uma oportunidade de mudar o mundo".



Frederik Vercruyse

Arcos de luz, Bienal de Design de Interiores, Bélgica.

iluminação: como desejamos desenhar a luz.

Algumas técnicas de expressão gráfica à mão livre ou em ambiente computacional resultam em um maior controle de intenções de projeto, não deixando ao simples acaso o resultado da iluminação. Entre eles destacamos o concept board, os zoneamentos e mapas de luz, as técnicas de expressão gráfica sobre impressão em papel escuro, o desenho à mão livre em papel preto e as simulações em ambiente computacional. Além desses, testes simples com lanterna nos dão pistas valiosas do potencial de cada material na incidência de luz e sombra, assim como de possíveis interferências a evitar.

## Conclusão

Assim como o pensamento criativo, a luz tem o poder de surpreender. A luz é imaterial; seu comportamento é muitas vezes imprevisível, pois seus efeitos só serão revelados ao incidirem sobre superfícies ou propagados em algum meio. O processo de projeto de iluminação é tão poético e conceitual que extrapola decisões exclusivamente técnicas.

Para se chegar a soluções de projeto onde a iluminação seja amplamente explorada em todas as suas possibilidades é necessário a integração entre arquitetura e luz, entre técnica e subjetividade. Ganha-se muito em qualidade projetual quando conseguimos fazer escolhas e simulações onde se visualize a luz como elemento de composição, muito além da simples escolha de fontes e artefatos de iluminação.

No cenário internacional, o estudo dos qualitativos subjetivos e do tema percepção visual já está bastante adiantado em relação a nossa realidade e caminha paralelamente às inovações técnicas. Devemos seguir esta tendência já que ao mesmo tempo avançam em qualidade os projetos arquitetônicos e o design nacional.

Além disso, estudos para avaliações pós-ocupação, onde seja possível determinar aspectos qualitativos da luz, especialmente aqueles mais variáveis e particulares, é um tema atual e que deverá ser aprofundado em novas pesquisas. ◀

## Metodologias de projeto

A busca por uma metodologia de projeto é um processo que irá se aperfeiçoando; muitas vezes passa por ajustes, complementos, até ser formulado o processo ideal. Podendo ainda ser necessário metodologias distintas para cada projeto, de acordo com a natureza e complexidade do mesmo.

Um bom projeto não inicia na simples escolha de sistemas e fontes de iluminação, mas está intimamente ligado ao que a arquitetura pretende mostrar e a que emoção se pretende despertar nas pessoas. Bransdton (2010) resume o tema: "Eu nunca vi luxímetro que tivesse olhos, ou que pudesse medir a emoção".

O processo de projeto de iluminação, portanto, deve surgir juntamente com o partido da arquitetura, levando-se em consideração a iluminação natural, as características locais e conceituais, além de diretrizes elaboradas de maneira a contemplar todas as possibilidades de natureza subjetiva.

Alguns procedimentos sistemáticos podem ajudar o projetista na elaboração do desenho da luz, aliás, é desta maneira que deve ser tratado o partido da



Carina Tomazzoni - carinatomazzoni@gmail.com

Arquiteta e urbanista e pós-graduada em Iluminação. Possui escritório próprio em Caxias do Sul (RS), focado em projetos de iluminação desenvolvimento de peças especiais e consultorias. Atuou em projetos no Brasil e Chile.